



DR. EPITACIO DA SILVA PESSÔA

EPITACIO PESSÔA

O illustre doutor Epitacio Pessôa, um dos nomes que hoje mais honram o Brasil e mui particularmente a Parahyba, nasceu na cidade de Umbuzeiro, deste Estado, a 23 de maio de 1866. Seus paes fóram o tenente-coronel José da Silva Pessôa e d. Henriqueta Barbosa de Lucena. Precocemente revelou-se um espirito intelligente e arguto, de vontade realizadora. Com nove annos de idade, matriculava-se no Gymnasio de Pernambuco, fazendo ali um curso todo brilhante, e entrando em 1882 para a Faculdade de Direito do Recife. Em 13 de novembro de 1886 recebeu a sua laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, após um tirocinio academico durante o qual ficaram de vez affirmadas todas as invulgares qualidades de intelligencia de Epitacio Pessôa.

Ingressado na vida publica, deste modo aparelhado para os mais seguros triumphos, o eminente parahybano veiu vindo de victoria em victoria, cada qual mais honrosa para si. O primeiro cargo publico que exerceu foi o de promotor publico da cidade de Cabo, em Pernambuco, para o qual foi nomeado no anno seguinte de sua formatura em direito, isto é, em fevereiro de 1887.

Entretanto, em 1889, Epitacio Pessôa era demittido de suas funcções, por ter tido a dignidade e a coragem de na defesa da honra do seu cargo e dos interesses da sociedade, não compactuar com a vontade e os caprichos da politica local. Foi quando, deixando Pernambuco, seguiu para o Rio, onde fixou residencia. Ahi conquistou, logo de comêço, o mais notavel conceito como advogado.

Com a proclamação da Republica, foi convidado por Venancio Neiva para seu secretario no governo da Parahyba, logar que assumiu em dezembro de 1889.

Assim, estava iniciada a carreira politica de Epitacio Pessôa, que em 1890 era eleito deputado á Constituinte. Depois ainda nos representou em varias legislaturas na Camara baixa do paiz.

Cumpre salientar a acção extraordinaria de denodado republicano que Epitacio exerceu durante os dias tremendes do governo de Floriano, assumindo no parlamento nacional aquella attitude que o notabilizou para sempre como homem desassombrado e intrepido.

Foi desse tempo que pelo ardor dos seus discursos e pela audacia das suas investidas em pleno Congresso, com a sua palavra arrebatada, contra os absurdos do Marechal de Ferro, se tornou em todo o paiz conhecido como a "patativa do Norte", cognome que, dizem, lhe dá o proprio Floriano.

Em 1898, foi nomeado Ministro da Justiça, no governo de Campos Salles, e em 1902 o governo da Republica o fazia ministro do Supremo Tribunal Federal, em cujas funcções foi aposentado em julho de 1912.

Em novembro desse anno é eleito senador pela Parahyba. Em 1919 foi nomeado embaixador do Brasil junto á memoravel Conferencia da Paz de Versalhes, em cuja assembléa de cunho o mais brilhante figurou em logar de destaque ao lado de vultos como Clemenceau, Wilson, Lloyd George, e tantos outros, emprestando sempre o maior prestigio e acatamento ao nome do Brasil. Ahi, no desempenho dessa magnifica missáo foi Epitacio Pessôa surprehendido com o convite que lhe fazia as forças politicas do Brasil para aceitar a apresentação de seu nome como candidato á presidencia da Republica em substituição ao venerando Rodrigues Alves, que a morte impedira de assumir a suprema magistratura do paiz.

Attendendo ao appello que se lhe fazia, o grande brasileiro acceptou as responsabilidades que lhe davam os encargos de chefe da nação, e em 28 de julho daquelle anno assumiu o elevado posto para que o povo o elegera, cheio da mais absoluta confiança. E a essa expectativa do paiz o presidente correspondeu plenamente. As grandes realizações do seu governo ahi estão, aos olhos de todos, cabendo-nos, a nós parahybanos, um preito muito especial de gratidão aos assignalados serviços e beneficios que a sua administração prodigalizou á Parahyba.

Eis as principaes obras levadas a effeito entre nós, durante o triennio presidencial de Epitacio Pessôa:

Construcções: — Porto da Capital, Correios e Telegraphos, Quartel do 22.º Batalhão de Caçadores, Hospital "Oswaldo Cruz", Asylo de Alienados, Delegacia Fiscal, Escola de Aprendizizes Artifices, Estrada de Rodagem da Capital a Pedras de Fôgo; Desapropriações das Avenidas do Porto, Saneamento do Jaguaribe, Prophylaxia Rural, Serviço de Combate á Syphilis e Molestias Venereas, Coordenadas Geographicas, Posto Meteorologico, Estrada de Ferro de Penetração de Alagôa Grande a Cajazeiras; Estradas de Ferro de Limoeiro a Umbuzeiro e Borborema a Bananeiras; Estação de Monta de Umbuzeiro; Patronato Agricola "Vidal de Negreiros", Estação de Monta de Pombal, Estação Experimental de Penedencia. Centenas de kilometros de linhas telegraphicas, abrindo ao trafego cerca de trinta novas estações. Estradas outras de rodagem e penetração, approximando varios pontos do Estado e Estados limitrophes. Pequenas e grandes pontes de cimento armado, ligando estradas de rodagem. Duas grandes Barragens em Boqueirão e São Gonçalo. Varios pequenos açudes em diversos pontos da zona flagellada. Estudo das aguas thermais do Brejo das Freiras. Poços Tubulares nos pontos aridos do sertão. Delegacia de Industria Pastoral. Muitos outros serviços de pouco relevo e grande efficacia para nossa vida rural e expansão economica.

MUSA PARAIBANA



BALLADA DE OUTROS TEMPOS

Um dia ouvi dizer: «o amôr dá vida»
 E, nisto acreditando, desde então
 Pensei deixar de vez, para sempre esquecida
 A minha triste solidão.
 Numa alegria subita, incontida,
 Senti no peito estranho ardor...
 A ventura sonhei, desconhecida,
 E quiz amar sinceramente o amôr.

Vieste, visão divina, apparecida
 Envolta em rutilo clarão...
 Logo a teus pés cahiu minha alma enternecida,
 Numa oração.
 Pedindo-te guarida,
 Seguiu teu vulto lindo e tentador,
 Depois louca, vencida,
 Implorou, soluçando, o teu amôr.

Uma supplica só não foi por ti ouvida,
 Fôram todas as lagrimas em vão;
 Tua recusa immerecida,
 Como um punhal entrou-me o coração.
 Ah! com que magua sentida!
 Com que funda amargura! Ah! com que immensa dôr!
 Com que tristeza indefinida,
 Vi, por ti, desprezado o meu amôr!

OFFERTORIO

E hoje, que já não posso, alma ferida,
 Fugir ao teu olhar deslumbrador,
 Vejo que, em vez de dar me vida,
 Me vai matando, lentamente, o amôr!

SEBASTIÃO VIANNA

O BRASIL DE 1822

VISTO PELO SR.
ROCHA POMBO

E O BRASIL ACTUAL

Seria, sem duvida, nada menos que perfeitamente absurda qualquer tentativa no intuito de dar, em simples artigo de revista, um historico, mesmo superficial e ligeiro, do que fizemos, nestes cem annos, as três ou quatro gerações que se succedem desde 1822 até hoje.

Não ha esforço capaz de resumir em algumas laudas, e de maneira impressiva, a nossa obra dentro desse periodo, e sob os varios aspectos que caracterizam a nossa civilização.

Ha, no entanto, para casos como este, um processo que me quer parecer mais proficuo e seguro do que todo intento de fazer historia apresada: é o que consiste em suggerir, pelo contraste em que as puzemos, a differença entre as épocas que delimitam o trecho cuja importancia se quer destacar.

Para termos, portanto, uma idéa exacta ou melhor, uma sensação nitida e flagrante da nossa capacidade de povo, bastará que ponhamos em confronto, com o alto dia em que estamos vivendo, aquella meia luz de alvorecer em que viveram os nossos antepassados, quando fizeram a Independencia.

Vejamos, pois a traços geraes, o que era o Brasil que D. João VI nos deixou ao retirar-se com a sua côrte para a séde historica da monarchia.

Sob o ponto de vista da economia geral, tínhamos algumas industrias já aliosas, e outras tomavam incremento, graças ao declinio em que cahira mineração.

Essas industrias, porém, viviam mortas e tolhidas, devido a um sem numero de causas, que só a acção do poder publico podia corrigir e não corrigia.

Entre essas causas, a mais sensivel e a insufficientia de meios de trans-

porte, tanto maritimo como terrestre. As populações do interior estavam isoladas dos entrepostos maritimos. Não havia em todo o paiz uma estrada de rodagem sequer. Os caminhos do pedestre eram de transito difficil. E' hoje mais facil ir á Europa ou aos Estados Unidos do que naquelles tempos

gavam menos impostos que as nationaes.

Não havia concurrencia possivel com aquelles aliados e protectores que sabiam tirar todo partido da sua protecção. Tinham elles muita força e dinheiro para não perderem o ensejo de explorar bem as suas vantagens de



Vista panoramica da cidade de Alagôas Grande

ir do Rio a S. Paulo. As conducções só se faziam por tropas de cargueiros, e ficavam sujeitas a infimidades de tropeços e contingencias.

A navegação de longo curso melhorára com a abertura dos portos. Mas os proveitos cahiram quasi exclusivamente nas mãos dos estrangeiros, principalmente dos inglezes. Estes apoderaram-se de todo o commercio. E muito naturalmente. Eram mais protegidos até que os proprios colonos. Tinham até nos portos uma como Alfandega sua: a «Conservatoria», em que elles proprios faziam o registro das mercadorias que expediam ou que importavam. As suas mercadorias

occupantes de terra muito rica, mas entregae a gente pobre e tão castigada do destino.

Não havia, pois, commercio nacional propriamente, pois aos negociantes do paiz faltavam recursos para entrar em competiçáo com os inglezes.

No intuito de remediar alguma coisa dos males que apertavam a vida das industrias e do commercio, creou-se o Banco do Brasil, com o capital de mil e duzentos contos. Prestou, não ha duvida, de principio, bem bons serviços: mas também cobrou-se delles com usura, isto é, com grandes transferencias. Deitou logo

to, em proveito das classes laboriosas, do que um recurso facil para as prodigalidades da côrte. E afinal, quando cahiu, deixou o Rei completamente arrebentado. Só muitos annos depois é que se pode reconstituir.

O expocnte da situação de angustia em que se deixava assim o paiz é

proximas que duas pessôas quasi se pôdem dar as mãos através da rua.»

As ruas principaes eram illuminadas de azeite. Illuminadas... é o que se dizia; mas essas candeias morliças, a piscar no meio da noite, serviam antes para tornar mais lugubre aquelle escuro.

gra: só se andava a pé ou a cavallo. Na zona mais movimentada, havia uns carrinhos de duas rodas e sem tolda puxados por burros. Nem todos, porém, podiam ter o seu carrinho. O empregado do commercio ou o funcionario publico que morava nos arrabaldes (o que era grande luxo na

quelles tempos) tinha o seu cavallo para vir de manhã e voltar á tarde. E quem não tinha o seu matungo, havia de grammar a pé. Os que moravam nas proximidades das praias eram mais felizes: já contavam com escaleres e canôas.

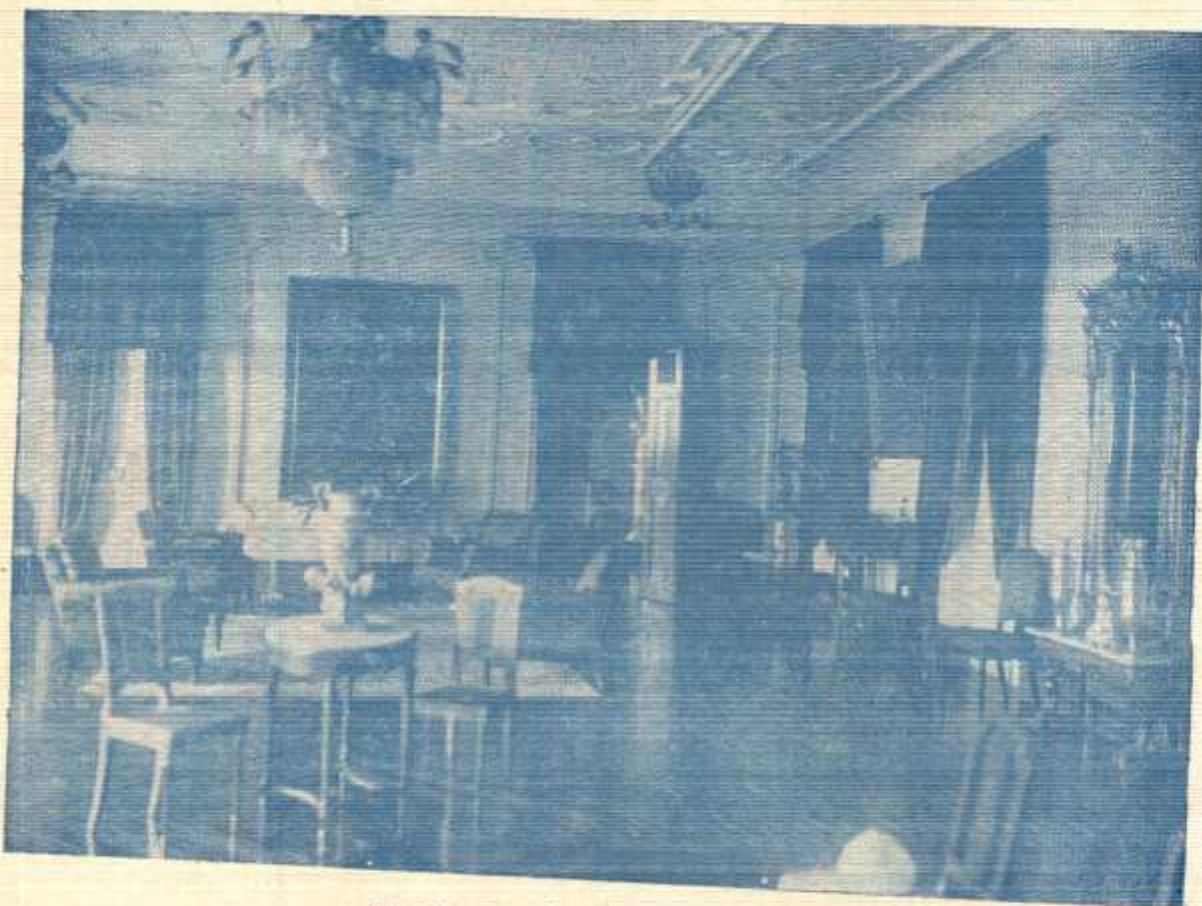
O aspecto da cidade era desolador e triste. Sobretudo depois que escurecia, tinha uns ares de ruinas, principalmente em noites de luar, porque então não se accendiam os candieiros.

Era uma verdadeira temeridade atravessar durante a noite certas ruas e praças. Depois que tocava a recolher (mesmo antes do famoso sino do Ara-

gão) todo transeunte livre podia ser pela policia revistado e até preso. Se era escravo, marchava para a enxovia, e quasi sempre dahi para o Calabouço

Quanto á cultura commum, parecia ainda mais lastimavel o estado do paiz.

Instrucção publica era coisa quasi inteiramente nulla. Na propria côrte, contava-se uma ou outra escola regia. Escola superior, nenhuma. Para certas profissões e certos empregos, funcionavam aulas avulsas, duas ou três, para «formar» cirurgiões, engenheiros e officiaes para o exercito. E isso



PALACIO DO GOVERNO — Salão de honra

a receita geral, que não excedia de quatro ou cinco mil contos. Mais de metade consumia a côrte, e o resto não chegava para a guela do functionalismo. Pelo que era o Rio de Janeiro então pôde avaliar-se o mais. E' preciso não esquecer que com a presença da côrte já havia melhorado muito a cidade, ao menos na sua parte central. Pois bem: um estrangeiro que esteve aqui em 1817 escreveu no seu livro de viagem: «Era muito desagradavel o nosso passeio em ruas estreitas e sujas, sem calçadas. As casas em geral têm uma certa apparencia, com as nossas sacadas no segundo pavimento, as quaes se acham tão

E note-se que essa mesma «illuminação» era feita á custa especial das provincias, sobre as quaes pesava um imposto a isso destinado. Quer isso dizer que tendo de pagar o azeite que a côrte consumia, ficavam ellas proprias ás escuras. E era assim com effeito: Só muitos annos depois da Independencia é que as capitaes e as mais populosas cidades das provincias começaram a cuidar da illuminação publica.

Mesmo no Rio, como dissemos, só as ruas e praças do centro urbano é que disfarçavam as suas noites.

A circulação era o problema que mais angustiava a vida geral. Em ra-

ia necessidade de muita competência para cargos publicos.

Havia também aulas e humanidades: mas para os filhos dos ricos, que deviam seguir depois para Coimbra.

Não se conhecia mais nenhum outro meio de instrucção.

Alguns raros homens, que se distinguiam pelo seu espirito, tinham-se ao por si mesmo no estudo e no trabalho, isolados de convívio e sem nenhum estylo de meio. E isso pôde maginar-se quanto era penoso, quando se sabe como andavamos longe do mundo.

Obter um livro naquella época era uma campanha que nem todos venciam. Receber uma revista ou um jornal da Europa era uma fortuna excepcional. Certas publicações tinham-se de obter escondendo, se se conseguia obter clandestinamente. Um viajante (note-se que era inglez) para não perder uma parte da bibliotheca que levava consigo, teve de requerer, e á custa de empenhos alcançar que lhe emprezassem os livros para a Inglaterra, visto não se lhe permitir a entrada...

...mas ha, sobretudo, um expoente que caracterizava aquelles tempos: é a condição civil em que se vivia, então, mesmo nos maiores centros da colonia.

Quando se ouve hoje falar em absoluto, não se faz idéa do que era o rei absoluto. Nem mesmo nos recebemos de que tanto como o rei davam quantos podiam dar ordens em nome delles: ministros, generaes, presidentes de policia, famulos do palacio de officio, toda a chusma respiram a atmosphera da absolutismo. Não é só a pessoa real:

...que o rei era senhor da vida de todos. Fala-se-nos em absolutismo, talvez sem reflectar que por leis ou decretos se regulava o arbitrio real.

...esquece-se que era formulado em uso o não obstante o li-

que essa codificação servia apenas para os casos em que El-Rei abria mão da sua auctoridade, pois que esta ficava sempre acima de todas as leis.

Todo mundo sabe como é que em 1808 se pôde arranjar no Rio aposentadoria para toda aquella sucia de fidalgos, que vieram com a corte.

Bastava collar á porta de uma casa um papel com as letras S. R. (Serviço do Rei) para obrigar o dono a sair com toda a familia até o dia se-

trando-se com taes figuras, um homem deixava de ser homem.

Uma auctoridade de policia podia dar cabo de um misero mortal sem que se lhe perguntasse porque tinha feito desaparecer a pobre creatura.

Um gesto da rainha então poderia consumir uma familia. Sabe-se até que se chegava a dar sumiço a raparigas, só á vista de um bilhete a lapis escripto em nome de D. Carlota Joaquina...

ASPECTOS DO INTERIOR



Canal que atravessa a cidade de Bananeiras

guinte. Chegaram a nomear-se «juizes aposentadores», especialmente encarregados de fornecer tudo quanto exigissem os profugos afflictos. E estes exigiam mesmo tudo; além de casa mobilia, criados, cavalllos, agua fresca e legumes e fructas do mesmo dia. Viriato Cordeiro aproveitou para um dos seus interessantes «Contos da historia do Brasil», o caso de um desembargador a quem, em grande anciedade, que um fidalgo insolentavel lhe pedisse...

Mas o que hoje nos parece espantoso, naquelles tempos, era o que havia de mais simples do mundo: em direito ninguém possuia coisa alguma: tudo era do rei — coisas e pessoas.

E não era — é bom repetir — só o rei que tudo podia...

E que ordem haveria, vinda lá do alto, por mais estulta ou monstruosa, que não fosse cumprida pelos famulos do paço?

Quando uma pessoa, de qualquer condição que fosse, linha a gloria temerosa de encontrar se, na rua ou num caminho, com o rei, devia parar, descurando em larga curvatura, até que perdesse de vista o coche real.

Se o viajante andava a cavallo, tinha de ajoelhar-se para cumprir esse dever. E aquelle que se mostrasse pouco solícito em taes demonstrações pagaria bem caro o seu descuido. D. Carlota chegava a fazer questão de que, á sua passagem, o transeunte se ajoelhasse. E tinha de ajoelhar mesmo, se não queria ser chibatado pela

Não eram, porém...

inha, que tinham direito a semelhante culto. Qualquer pimpolho da família sagrada, ao collo de uma aia, devia ter as mesmas reverencias.

Os proprios estrangeiros não eram isentos de taes deveres, nem mesmo os que exerciam aqui funcções diplomaticas.

Uma vez encontrou-se com D. Carlota, que andava a passeio no campo, a cavallo, o ministro americano Sun-

ter. Se as proprias senhoras de distincção se viam expostas a ultrages quando incorriam nas ganas de D. Carlota... A esposa daquelle ministro Sunter teve de pagar caro a energia do marido. Como o caso que referimos acima tivesse feito grande escandalo, e D. Carlota não se podesse ter vingado do ministro, vingou-se-lhe da esposa: insultou a matilha do paço e aggredeu a pobre senhora, quando pas-

tempo de D. Pedro, era ainda preciso acautelar, por meio de rotulas nas janelas, a curiosidade das familias no momento em que o principe passava. Sem isso, quanta senhora, que se riscasse a cahir sob o fulgor das suas oitavas gulosas, teria de fazer uma visita forçada a dependencias escuras do paço.

Isto ha um seculo de nós!

Não eramos um povo; eramos um rebanho. Viviamos para o rei e a corte. Os homens de mais alto espirito eram os primeiros e os mais applicitos em pregar o culto da real e da superstição da magestade.

Rodrigo Coutinho, por exemplo, foi sem duvida o mais notavel dos ministros de D. João no Brasil, com uma consciencia perfeitamente fechada para o seu tempo e para a propria historia. Para este homem, o bem publico, a justiça, a grandeza do paiz, não se alcançariam «como graça da misericordia real». Manifestaram uma vez os governadores lá do reino a intenção de consultar sobre decretação de tributos os tribunaes communs. Coutinho bramiu indignadissimo; semelhante velleidade era loucura, pois só El-Rei que pôde decretar impostos quando e como bem quizer. Era preciso escaurmentar aquella estulticia.

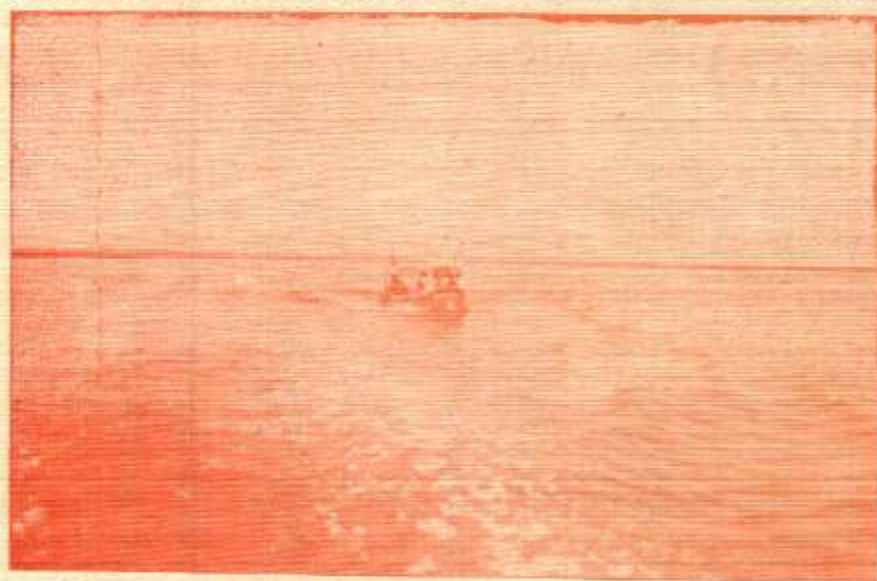
Deste faz eram os mais illustres homens da corte.

Em summa, registemos mais uma nota caracteristica; só não tivemos aqui naquelles tempos as delicias edificativas do Santo Officio; porque D. João se oppoz com firmeza aos tentos da propria corte.

Veja-se como a piedade só encontrou guarida então na alma neutra e neto de D. João V, o Tenebroso!

Eis ahí umas poucas generalidades que supponho mais que sufficientes para dar uma idéa do que era, sob certos aspectos, o Brasil de 1822.

E' facil agora ao leitor apanhar e sentir bem o contraste em que está o nosso tempo com aquelle crepusculo de que sahimos, à custa de um seculo de trabalho de fôrça sob inextinguíveis...



Vista do Saubã, braço do rio Paralyba que banha a capital. Vê-se a lançua da Companhia Nacional de Navegação Costeira que faz o transporte de passageiros desta capital a Cabedello.

ter. Quizeram os cadôtes da guarda forçal-o a ajoelhar-se. Saccou elle da sua pistola. Gritou a rainha que o atacassem, mas os rapazes não tiveram coragem para tanto...

O ministro inglez Stanford, na estrada de S. Cruz, foi vergastado pelo estribeiro de uma princezinha porque não se quiz apeiar e descobrir.

O secretario da legação da Hollanda, Cromelin, recebeu em publico, por identico motivo os maiores insultos; e por mais que dissesse quem era, foi obrigado á força a descer do cavallo.

O mesmo aconteceu ao almirante Boules, chefe da estação naval inglesa no Mar do Sul. Este foi posto abaixo, a pancadas, do cavallo que mo liva, só «por ter querido», em companhia do encarregado dos negocios do paiz, evitar o encontro do cô-

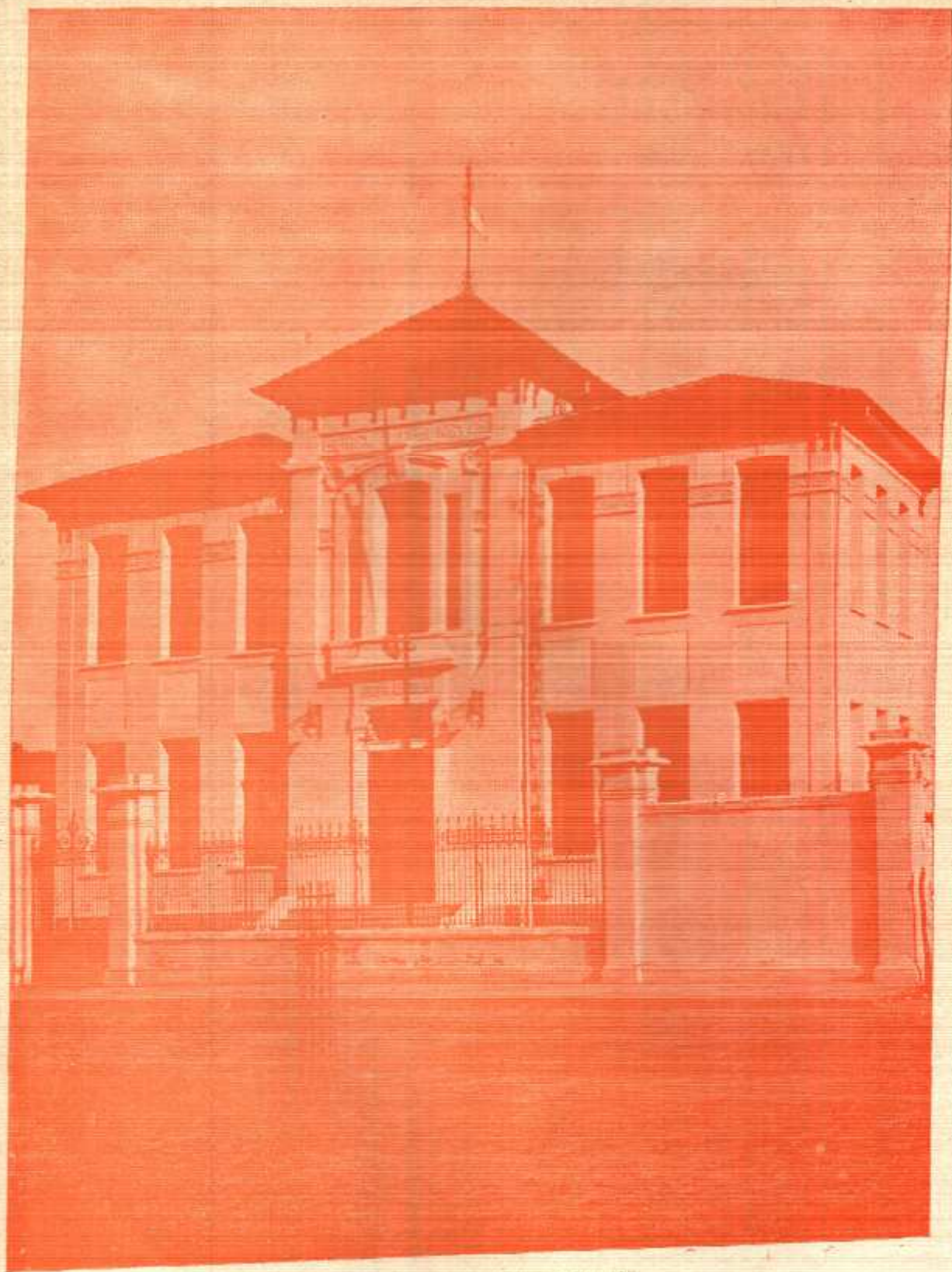
sava no seu carro por uma rua da cidade, chegando a ferir bastante a pedradas...

Ora, se pessoal dessas espheras andava sujeito a taes vexames e violencias, imagine-se como andaria a gente de casa.

Se nem vida tinha forma alguma de garantia quando se encontrava com a omnipotencia de El-Rei, quanto mais a propriedade, ou a honra, ou o interesse legitimo de uma creatura. Se qualquer lacão do paço mostrasse desejo de «comprar» uma coisa, que era nossa, melhor era ir logo dando a coisa desejada; pois o desejo de a possuir era uma fórma de que se valiam os aulicos para dizer que lhes entregassem a tal coisa. Coisa ou pessoa... porque se o Rei ou a rainha e esta principalmente o exigissem, teriam os paes de entregar os proprios



PARAHYBA DE HOJE



Grupo Escolar "ISABEL MARIA DAS NEVES"

DEUS

Mão grado a sciencia, incredula e profana,
Deus não é uma hypothese sómente:
Existe em tudo, porque está latente
Dentro da própria intelligencia humana.

É um milagre de força soberana,
De onde, como de limpida nascente,
Inexgotavel e perpétuamente
Toda a energia cósmica dimana!

É a luz que acêda barathros profundos;
A dynamica surda que governa
A engrenagem mecânica dos mundos!

É esse flutido de amor, que anda disperso;
Esse vislumbre de grandeza eterna
Que ha nas coisas mais simples do Universo!

RAÚL MACHADO

MUSA PARAHYBANA

O BOI

Amo-te, oh! boi piedoso! Um sentimento
De vigor e de paz tu me forneces,
Grave e solemne, como um monumento,
Olhando os campos de douradas mèses.

Preso á canga, não soltas um lamento,
Mas ao homem na lida favoreces,
Elle fala e te punge, e tu com um lento
Volver dos olhos mansos lhe obedeces.

Nessa larga narina, humida e escura,
Bateja o teu espirito e ridente
Como um hymno, o mugido no ar se perde.

E em teu olhar de limpida doçura
Cahno, se espelha magestosamente
Dos verdes campos o silencio verde.

ODILON NESTOR

AS FESTAS CENTENARIAS NESTA CAPITAL

Assimiu um cunho deslumbrante o septenario festivo realizado nesta capital, em homenagem ao primeiro século de independência do Brasil.

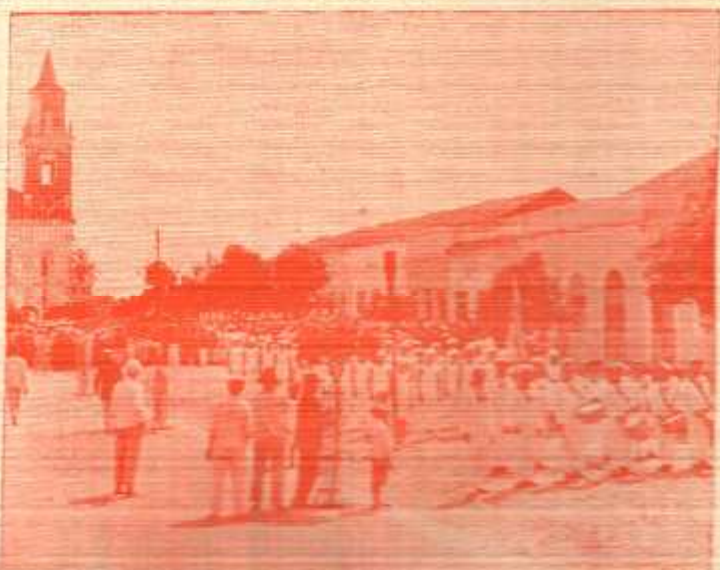
A Parahyba vibrou nesses dias consagrados à rememoração do grande feito de 1822, entusiasmada e cheia de civismo. Foram séculos de sur-rendentes de communicabilidade entre os nossos homens publicos e o povo, que numa eclosão de jubilo apoteósava a excelsa Patria, em surtos de patriotismo, á passagem da grande data.

A demonstração desses conceitos temos nas photographias das celebradas festas e que agora estampamos nesta edição commemorativa, graças aos esforços dos nossos photographos, desejosos de corresponder á nossa expectativa que é a de bem servir aos constantes leitores da *Era Nova*, com a publicação no presente numero, que é, sem contestação, um verdadeiro *tour de force* desta empresa.

O programma da brilhante festividade, inspirado pelo Presidente Solon de Lucena, en-

cheu-se de numeros cada qual mais encantador do que o outro. Tentar-o descrever nas paginas de uma revista seria desvirtual-o pela impossibilidade de poder resumir-o concisamente, tão deslumbrante fóra elle executado.

A objectiva, porém, substituiu-nos a penna com maior fidelidade e brilho. Possam, pois, as photographias insertas nesta edição avivar-nos na memoria a evocação daquelles magníficos dias, á que todos assistimos tocados de amor e civismo pela augusta terra de Cabral.

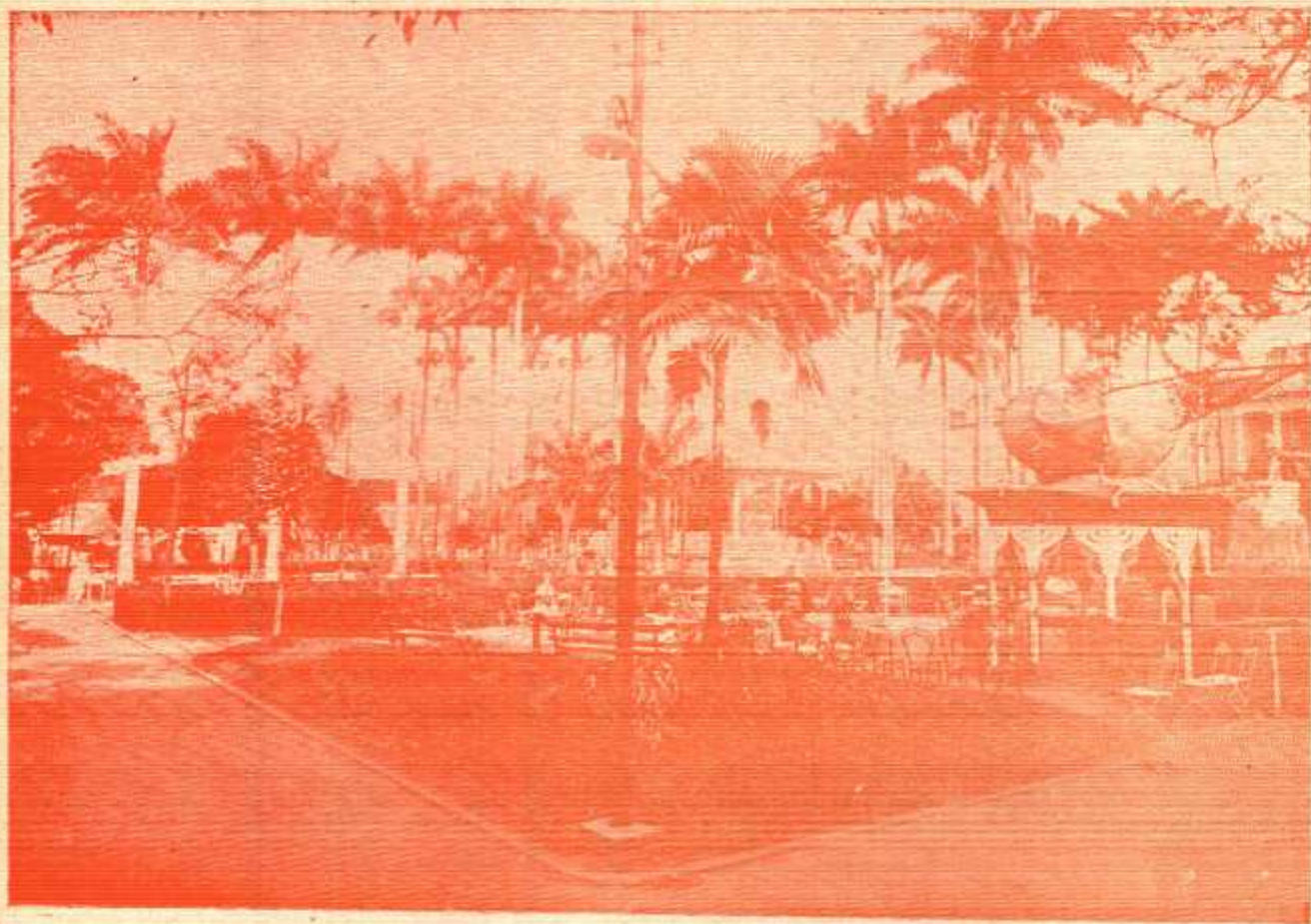


1) Marcha desportiva á avenida General Osório

2) Desfile da mesma á rua Diique de Caxias



AS FESTAS CENTENARIAS NESTA CAPITAL



Jardim Público, onde se realizaram imponentes festas.

À lado, vê-se o pavilhão do Orphanato D. Uirico.



As encarregadas do pavilhão da Policlínica Infantil. De pé, a partir da direita para a esquerda: Mme. Anelma Fulano, Sta. Clonice de Lucena, mme. Cecília Fernandes (Directora), Stas. Eurydice Pinto, Ambrosina Gusmão, Maria e Lucilla Caçador. Sentadas, na primeira fila, Stas. Camerino Marôja, Saraíma Pimentel, Niniêta Norat e Maria Luiza Moraes; na segunda fila, Stas. Eloah de Oliveira e Santinha Castello Branco; na terceira fila, Stas. Terça Bonavides e Esther Bezerra.



AS FESTAS CENTENARIAS NESTA CAPITAL



Grupo de gracas
niéras do pavilhão
do Orphanato D.
Ulrico. A partir do
direita para a es-
querda: Senhoritas
Bonitas Guedes, Ma-
rietta Almeida, Jan-
uária Mello, Laura
Cantulice, Berengère
Lyra e Lyllia Gue-
des, Drs. Catharina
Amstutz (Directora),
Senhoritas Maria do
Carmo Monteiro,
Maria Duim, Linda
Dana, Aisora Min-
deiro Costa, Cath-
arina Fernandes, Ma-
ria Fernandes e An-
na Sara. De pé,
Mrs. Alfredo Amstutz
e desembargador
Henrich Cavalcanti,
director do Or-
phanato

FESTAS
DESPORTIVAS

A delegação des-
portiva do Rio Gran-
de do Norte e o
1.º team do Cabo
Branco.

AS FESTAS CENTENARIAS NESTA CAPITAL



As ga contêres do pavilhão 'Independência', que fundou a praça Venâncio Neiva. — Da esquerda para a direita: Senhoritas Assis Camarão, Isaura Alves de Melo, Elvira Liana, Francisquinha Fossêa, Maria Augusta Leal, Lydio Fossêa, Alayde Fossêa, Cely Mitter, Ida-Lana, Thales Fossêa e mãe. Olga do Nascimento.

Interessante grupo de garçoniêtes do Pavilhão da S. Casa de Misericórdia. Da esquerda para a direita: Senhorinha Berenice Minello, mãe Democrito de Almeida (Diretor), Senhorinhas Elísia de Almeida, Inocência e Flavina Costa, Maria do Carmo Minello, Maria da Penha Viagre, Alice de Almeida, Sylvia Stuchert, Dalva Cantalice, Pepita Nobrega, Virgínia Xavier, Lucia Stuchert e Neusa Cantalice.



TIRADENTES Da forca onde padeceste a morte infamante reservada aos malfétores, baixou á tua patria o sonho republicano, que outras gerações tinham de ver consummado. Teu supplicio é um dos crimes da perseguição historica tua memoria divinizada a pavioeira nacional do direito; supplicio por uma idea, deixaste de emblemar a figura especial della, immortal, dada á Republica, da aversão ao sangue e á intolerancia. És perante a Republica o advogado geral contra a vingança e a oppressão, Victima de um temor, passaste á posteridade como a condemnação de todos os temores. Tua historia não afina com os cantos da guerra cruenta, mas com as immaculadas aspirações da liberdade, que floresce na paz. Si se erigisse um templo á justiça, onde as tribunaes se obrigassem da politica, na frontaria desse templo, ó Tiradentes, seria o logar para o teu nome. — RUY BARBOSA

CONFERENCIA

De MANOEL TAVARES CAVALCANTE

A historia de um povo é principalmente a descripção do desabrochar e do evoluer do seu sentimento ethico.

Sem nos inspirar quanto ás modalidades que este desperiou na alma collectiva, sem nos mostrar o curso que cada uma seguiu através do tempo, sem nos dizer donde e por onde caminharam as instituições moraes que são a ancora do coração e do espirito, o fundamen-

to e o alicerce da vida social, nada mais ella seria do que uma narrativa, talvez attrahente e divertida, mas de todo desvaliosa e estéril.

Para que se haja feito a historia é, pois, essencial que se tenha desenvolvido a psychologia nacional e se hajam penetrado uma por uma as phizes em que ella se accentua, definindo caracteres e traços ethicos.

Convidado portanto, srs, a commemorar com a minha palavra desataviada o amolecimento grandioso de um quarto de seculo de um immenso episcopado, eu volto os olhos para a historia dessa gl'eba sacrosanta e dilecta, para essa historia que tantas vezes me tem empolgado e conduzido em lucubrações continuadas embora pouco fructuosas, e busco re-

montar sa nascentes donde promana a nossa vida moral.

Vida moral que é inseparavel da vida religiosa! Da que cresce e da que esperamos deriva a razão de ser dos nossos actos e da nossa conducta. Por isso a vida religiosa contém em germen toda vida moral e integra, as qualidades e feições moraes, do mesmo modo que a lingua integra as qualidades e feições intellectuaes.

Procedemos assim em a nossa historia religiosa a elucidação da nossa historia moral, da nossa unica e verdadeira historia.

Não nos digo nenhuma novidade, srs, lembrando-vos que toda a historia da Parahyba diz-se de um facto unico, brilhante e humanitario. Outros nucleos de população ter-se-ão constituido pela guerra e pela conquista; a Parahyba se edificou pela paz.

coia, dando as mãos no scenario portentoso do intertropical, entre as galas festivas da natureza sorridente, em que os matizes se cambiavam do diamantino das aguas ao esmeraldino das mattas, sob a caricia turqueziua dos céos, eis o quadro primeiro que abre toda a nossa galeria historica.

Essa paz foi uma iniciação e um baptismo. Não lhe faltaram as aguas lustraes de um rio

As festas centenarias na Capital



As "garçonnières" do pavilhão do Lago de Mendocanha. De pé, a partir da direita para a esquerda: Senhoritas ALICE SORREIRA, ELISIA MOURA, EMERSON BOUTINHO, RENEE CELENA, MARIA JULIANA CORRÊA, NININHA E LIA GAMAA Mme. LUIZA DJALIA, (directora) Senhorita VIVETTE LATHOUE. Sentadas, da esquerda para a direita: Senhoritas MARI, DO CARMO PEQUENO, WENDEN HENRIQUES, ELISA SETTE E OLIVIA MELLO.

As luctas imperitricas, as tentativas estéril de um decennio, de nada valeram para a nossa colonização. O que formou a collectividade social da Parahyba foi simplesmente o tratado de alliança e amizade, assinado a 5 de agosto de 1565 entre o conquistador portuguez e o tabajára parahybano.

João Tavares e Fragoso, a civilização christã e a barbaria deram a origem a nossa civilização.

por onde derivara a embarcação faustosa do feliz embaixador. A madrinha encontraram-na logo os constructores da Capitania na Senhora das Neves cuja festa se celebrava nesse dia.

Terra christã, grata ao Senhor, abençoada da Virgem, foi desde esse momento a formosa praia que ia receber os osculos da civilização, a santa virgem das selvas que ia ser fecundada

de um combate titânico entre o schisma protestante e a Igreja do Senhor. A reforma e a contra-reforma agitavam todas as inteligências e arrebalavam todos os corações.

Enquanto ao norte o dragão herectico travava os povos, ao sul a pomba da alliança suscitava os novos cruzados, os combatentes intrepidos que procuravam o seu logar nas fileiras invencíveis de Christo. Foi uma epocha de luctas e de dôres, mas uma epocha fecunda em luctadores e santos.

As ordens religiosas se reergueram e sublimaram no prelio ingente.

A cada nacionalidade que no antigo continente se submergia no vórtice do schisma os soldados de Jesus queriam substituir uma nacionalidade nova no continente recém-descoberto que devia ser morada de eleitos.

Foi assim que do Oceano aos Andes a nova patria brasileira ouviu desde os primeiros tempos o verbo do Messias. Foi assim que, as terras do Parahyba despertaram um dia aos accentos do Evangelho.

Decidida a colonização, iniciada a construção da cidade, com os primeiros nucleos de povoadores vieram os Apostolos da cathedra, os incansáveis pescadores de almas.

A abnegação sem par, a tenacidade inflexível da Companhia de Jesus, que emprehendia todos os trabalhos, affrontava todos os perigos, atrostava todos os tormentos, *ad majorem Dei gloriam*, enviaram-nos os primeiros missionarios que acompanharam o Ouvidor Martin Leitão, os mestres e operarios incumbidos das edificações urbanas e das obras militares e as familias que elegiam para a sua moradia a infantil Felippêa e se naturalizavam assim parahybano.

No extremo sul da cidade, fundaram os devotados cathedristas seu pouso annexo a uma Capella sob a invocação de S. Gonçalo. Este modesto estabelecimento inicial foi após o vasto convento cujas alas se transformaram depois, uma no palacio do governo, outra no Lyceu Parahybano. O predeterminado edificio devia ficar sempre a u orada do poder e o fóco da instrução.

Nas immedições da capella, para o lado sul se estendia a cidade selvatica, constituida dos aldeamentos tabajaras. Estes foram logo recebendo a luz do espirito e em breve o baptismo o foi sagrando christãos. A alceia de Piragybe, do intrepido selvicola que esforçadamente defendera os seus lares e spós acolhera com enthusiasmo e affecto os beneficios da civilização, foi talvez a primeira a colher o fructo da semente bendicta. O inesquecível maioral foi um dos primeiros cathecumenos e tal foi a importancia da sua conquista para o rebanho de Deus que os seus mestres, segundo a tradição n. 1.

o nome de Ignacio, em homenagem á memoria augusta do fundador da Companhia.

Ao mesmo tempo se erigira a matriz da nova Parochia, dedicada a Nossa Senhora das Neves, que recebia no anno de 1586 o seu primeiro vigario. Assim na Parahyba surgiram os

estabelecido em Olinda, fazendo-se notar pelo seu devotamento é humildade. Incessantemente chegaram a esses dedicados pioneiros para que viessem também concorrer aqui para a gloriosa vindima espirital.

Elles attenderam e em março de 1589

SOCIEDADE

PARAHYBANO



Senhorinha DIVA PESSOA

primeiros influxos das sublimes verdades e dos incomparáveis principios moraes do christianismo.

O governo e o povo da Capitania recém-nada entenderam que era necessario dar o maior vigor e incremento á obra generosa da cath-

encontravam nesta região. Logo se entregaram com ardor aos seus afanosos mestres, consagrando os seus cuidados a numerosas aldeias Tabajaras ás quaes ainda não pudera chegar a acção fecunda dos Jesuitas.

sembrava rivalidade e lucta tremenda. E' assombroso como nas obras de Deus consegue o espirito diabolico immutar o seu segno 'lethal'!

A questão entre as ordens religiosas chegou a tal auge que o governador da Capitania achou necessario representar ao governo real da Metropole. E' pena que a historia não tenha guardado os incidentes dessa memoravel contenda, de modo a habilitar-nos a formar um juizo sobre as causas e sobre as razões que assistiam a qualquer das partes. O que della sabemos, comta da decisão proferida pelo rei, decisão que previamente fulminára os Jesuitas. Assim é que ordenou Sua Magestade ao governador que procedesse a inquisição sobre o assumpto e se encontrasse culpados os Franciscanos, os concertasse de modo que não houvesse materia de escandalo. Se porém fossem culpados os Jesuitas deviam ser despejados para nunca mais volver a esta Capitania, ficando a cathechese dos gentios a cargo exclusivo dos Franciscanos, a quem o governo favorecer em tudo que fosse possivel.

Verifica-se dos termos da solução regia que já os Jesuitas estavam menos bem accetos no espirito da corte, tal o rigor da pena applicada ás suas culpas em comparação com o que se estatua para as faltas dos Franciscanos.

Que apurou o governador Feliciano Coelho de Carvalho? Não o sabemos.

Somente a historia registra que em consequencia da devassa, tirada pelo capitão-mór, os Jesuitas foram expulsos da Parahyba em 1593, pouco mais ou menos, com a ordem de não mais voltar. E sómente mais de cem annos depois, foi revogada essa ultima parte e os discipulos de S. Ignacio de Loyola puderam installar-se de novo em sólo parahybano. Mas a cathechese não esmoreceu.

Os frades de S. Antonio, denominação com que apparecem na historia os



Dr. ESTACIO COIMBRA, vice-presidente da Republica.

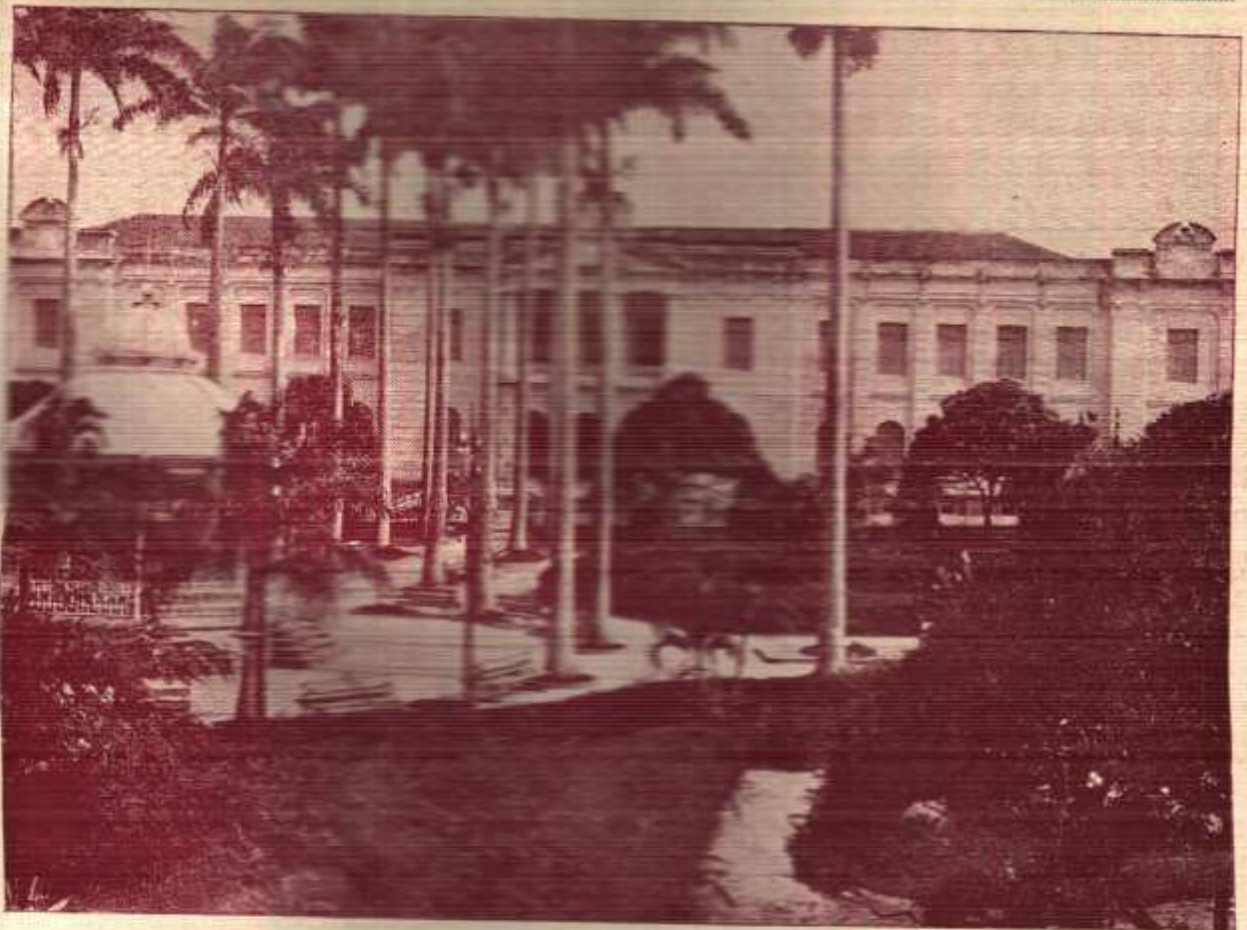
frades de S. Antonio, denominação com que apparecem na historia os

frades de S. Antonio, denominação com que apparecem na historia os

ter dado o devido apreço á obra grandiosa dos cathechistas, confiando mais na sua espada de guerreiro e cioso talvez do trabalho incruento que lhe roubava o ensejo das batalhas e das victorias.

Era bem differente, neste ponto de João Tavares, o fundador da Capitania, para quem foi a maior gloria a conquista da Parahyba por um tratado de paz e amizade. João Tavares era também militar dedicado e brioso, mas era sobretudo cavalheiro christão e piedoso para quem mais valia a aquisição das almas para o Senhor que a gloria sangrenta das batalhas. Deste varão exemplarissimo nasceram dois frades que são dois dos maiores vultos da historia colonial, dois continuadores gloriosos da obra paterna.

O primeiro é Frei Bernardino das Neves, devotado filho de S. Francisco, a quem o seu saber e virtude ficaram muito venerado. Quando se fabricavam as expedições para o Rio Grande do Norte, que deviam uma vez dominar a gente potyguar, Frei Bernardino foi es-



PARAHYBA DE HOJE - ESCOLA NORMAL

Franciscanos por-

gostos com a acção anti-clerical do governador,

enviado para acompanhá-los *por ser muito

respeito de seu pae, o capitão João Tavares que entre elles por seu esforço havia sido mui tímido.. (São palavras textuaes da singela narrativa de Frei Vicente do Salvador). Viria fóra de proposito enxertarmos aqui a narrativa do que fizeram os expedicionarios do Rio Gran-

ser muito périto na lingua brasilica e muito respeitado dos indios Potyguares e Tabajares, como já dissemos; pelo que o capitão-mór Manuel Mascarenhas se acompanhava com elle, e nunca nestas occasiões o largava..

Como é bello para nós parahybanos, senho-

do nosso progresso e em ovelha do rebanho celestial!

O segundo filho do capitão-mór João Tavares é Frei Manoel da Piedade, da ordem de S. Francisco, não menos assigado por seu saber e virtudes.

Todos os louvores a este preclaro varão ficam mediocres ante o seu extraordinario empecimento que todos os chronistas e historiadores enaltecem.

Era theologo profundo e grande conhecedor da lingua dos indigenas, pelo que se tornou um dos maiores cathechistas. Acompanhou D.ronymo de Albuquerque na famosa jornada do Maranhão, sendo os seus serviços de muito alto preço.

Coube a este grande homem a morte epica do soldado, embora elle estivesse na batalha apenas como soldado de Christo.

Foi já na epoca ingente das luctas heroicas e constituiu um dos episodios mais heroicos da resistencia homerica de Cabedelle.

A 11 de dezembro de 1631, os invasores batavos extenuados das suas investidas infructiferas, vendo fugir-lhe a esperanza de uma victoria proxima e facil, resolvem tentar um golpe audacioso e subitaneo. Meio dia é a hora do calor e da sesta. E' a hora em que os soldados exhaustos recolhem-se ás tendas para gozar uns momentos de somno depois de uma noite de vigílias apprehensivas e de uma manhã de pejejas ou de trabalhos rudes nos trincheiramentos.

E' a hora escolhida para a surpresa. Todas as forças batavas, como um só homem, accommettem a trincheira principal que era a guarda avançada do forte.

Tudo é bem calculado no ataque inimigo, mas o ardor patriotico dos nossos não se deixa dobrar. Mal as sentinellas dão o alarma cada qual salta ao seu posto e trava-se a mais encarniçada pugna.

Três vezes os assaltautes são repellidos, mas o numero sobrepuja e consegue realizar um movimento envolvente, cortando parte da retaguarda portugueza e attingindo quasi a estrada encoberta do forte.

Ouve-se entre os assaltados um grito unisono de que a fortaleza se perde e que é preciso salvá-la. Então os defensores pulam da trincheira e se offercem ao mais furioso combate a peito descoberto e a arma branca.

Iam certamente succumbir numa lucta desigual em que haviam sacrificado a sua unica vantagem, — a de combater protegidos pela trincheira. Mas Frei Manuel da Piedade que alli estava também prestando os soccorros espirituaes aos que caíam na batalha, precipita-se entre os combatentes

SOCIEDADE PARAHYBANA



Senhorita ADALOISA CEZAR

de e do modo como se chegou, finalmente, a um ajuste de paz com o gentio destemeroso.

O que devo accentuar é que para este feliz resultado muito concorreu o nosso bom Franciscano que serviu de interprete nessa convenção no memoravel dia 11 de junho de 1599, o que se deprehe de a affirmação do mesmo historiador nestes termos: «e o nosso irmão Frei Bernardino das Neves foi o interprete por

res, ver que o primeiro varão da nossa historia, foi o pacificador da nossa terra, assim como o seu digno filho foi o pacificador do Rio Grande! Mas, sobretudo, como é consolador para o christão, edificante para o catholico, sentir que é o influxo salutar da nossa crença que va submettendo o bravo e pugnacissimo

filho

Não lhe é permitido brandir arma que mate mas elle tem nas mãos a arma que dá a vida. E' a sagrada imagem do Crucificado, com a combater pela religião contra o herege desistido. A'quella vez extraordinaria todos os animos se reerguem, ninguém mais vacilla e a

vida a victoria que deu ao seu Deus e á sua patria. Ferido gravemente, foi transportado para o seu convento, onde falleceu 7 dias depois, indo aos céos aquella alma piedosa, cheia de virtudes e patriotismo, que por tantas obras de piedade, beneficios ao proximo e virtudes christãs, era merecedora».

AS FESTAS CENTENARIAS NESTA CAPITAL



A matiné do Parque Arruda Camara, onde se exhibiu o Réo-réo Fulôreios.

Moços que me ouvís, aprendei com Frei Manuel da Piedade, com esse parahybano dos priscos tempos, a morrer pela religião e pela patria.

Do enunciado se vê que desde a fundação até a dominação hollandeza, teve a Parahyba vida religiosa intensa. As necessidades espirituas do rebanho estavam a cargo do vigario e das ordens religiosas. Estes eram em numero de três, cujos conventos ainda assignalam a sua passagem entre os nossos maiores, as de S. Francisco, S. Bento e Carmo.

Com a occupação hollandeza, essas Ordens não se mantiveram na Capitania. E' certo que na rendição se estipulou que seriam dadas garantias á liberdade de consciencia, ao culto e serviço catholico, mas essas promessas foram fallazes.

Com as incursões dos nossos guerrilheiros, o dominador lança mão de represalias que constituem as maiores vexações.

Ao mesmo tempo, o Principe Mauricio de Nassau inicia reformas que ferem as regalias promettidas á consciencia catholica.

Esta reclama pelo orgam de Duarte Gomes da Silveira, velho e abnegado morador da Parahyba, que prestára extraordinarios serviços á Capitania, aos portuguezes e aos proprios hollandezes, mas cuja alma de catholico não podia ser insensivel ás offensas feitas á sua religião. O benemerito ancião foi por isto preso e encerrado na fortaleza de Cabedello.

Com a insurreição victoriosa e consequente queda do dominio batavo, puderam as ordens religiosas voltar e estabelecer-se, novamente, aqui. E' curioso ver-se na historia da época a difficuldade com que luclaram os Beneditinos para reivindicar o seu patrimonio, usurpado pelo renegado Gaspar Dias Ferreira, traidor á patria e á religião.

Como quer que fosse, voltaram os frades, o que quer dizer, voltaram os formadores do espirito, os educadores unicos daquelles tempos, em que o govêrno não curava de diffundir o ensino nem de crear escolas.

No seculo XVIII conseguem os Jesuitas voltar á Parahyba. E' conhecida a extraordinaria aptidão desses grandes mestres para o ensino. Assim, em aqui chegando, elles monopolizaram o magisterio, prestando reaes serviços á causa da instrucção. A antiga Capella de S.

Goncalves erigiu-se em convento e ali se abeli, em 1740, um convento...

com a qual abençoa os seus irmãos, atira a absolvição aos moribundos e exhorta os sol-

victoria foge ainda uma vez ao protestante hollandico.

Mas Frei Manuel da Piedade pagou com a

...da sua patria, os catholi-

Em 1760, applica-se aqui a ordem regia que expulsava de todo o territorio portuguez a Companhia de Jesus. O Marquez de Pombal vibrára o seu golpe terrível contra a poderosa instituição. Presos e expulsos os mestres unicos daquelle tempo, fecharam-se todas as escolas.

Foi immenso o prejuizo que soffreu desse modo a causa da instrucção popular, e de certo, isto concorreu para retardar o nosso progresso intellectual e moral.

Nesse seculo a Parahyba deu também as suas victimas ás fogueiras da inquisição. A historia imparcial e serena vai resgatando as ordens religiosas das accusações precipitadas com que sectarios exaggerados as fazem responsaveis por tão lugubres acontecimentos. A tradição fala-nos da suppliciada Branca Dias, cujo nome aliás não appareceu nas relações authenticas dos que compareceram ante o Tribunal do Santo Officio, de modo que essa figura lendaria não tem a menor consistencia historica.

Proximo a encerrar-se o periodo colonial, declinam as ordens religiosas, que acabam desaparecendo quasi da Parahyba.

Encontramos, entretanto, um clero adeantado e patriótico que, por assim dizer, empunha o sceptro da direcção dos espiritos.

Nos dias gloriosos e angustiados de 17, os padres estão á testa do movimento redemptor.

Na frente do govêrno apparece a figura olympica do padre Antonio Pereira, alma evangelica de apostolo e abnegação estoica de soldado. Em Campina, o padre Virginio Rodrigues Campello é o leader da agitação revolucionaria que alli rebôa. Em Pombal, o padre José Ferreira Nobre, ensina do pulpito o Evangelho da revolução e a pratica da Republica. Em Souza, o padre Luiz José Correia de Sá proclama revolução e aliado a José Martiniano de Alencar a faz irradiar pelo

ção do clero na implantação do novo regimen. Prosegue a monarchia o seu curso e os padres continuam a ser os formadores da raça, os mestres das nossas escolas.

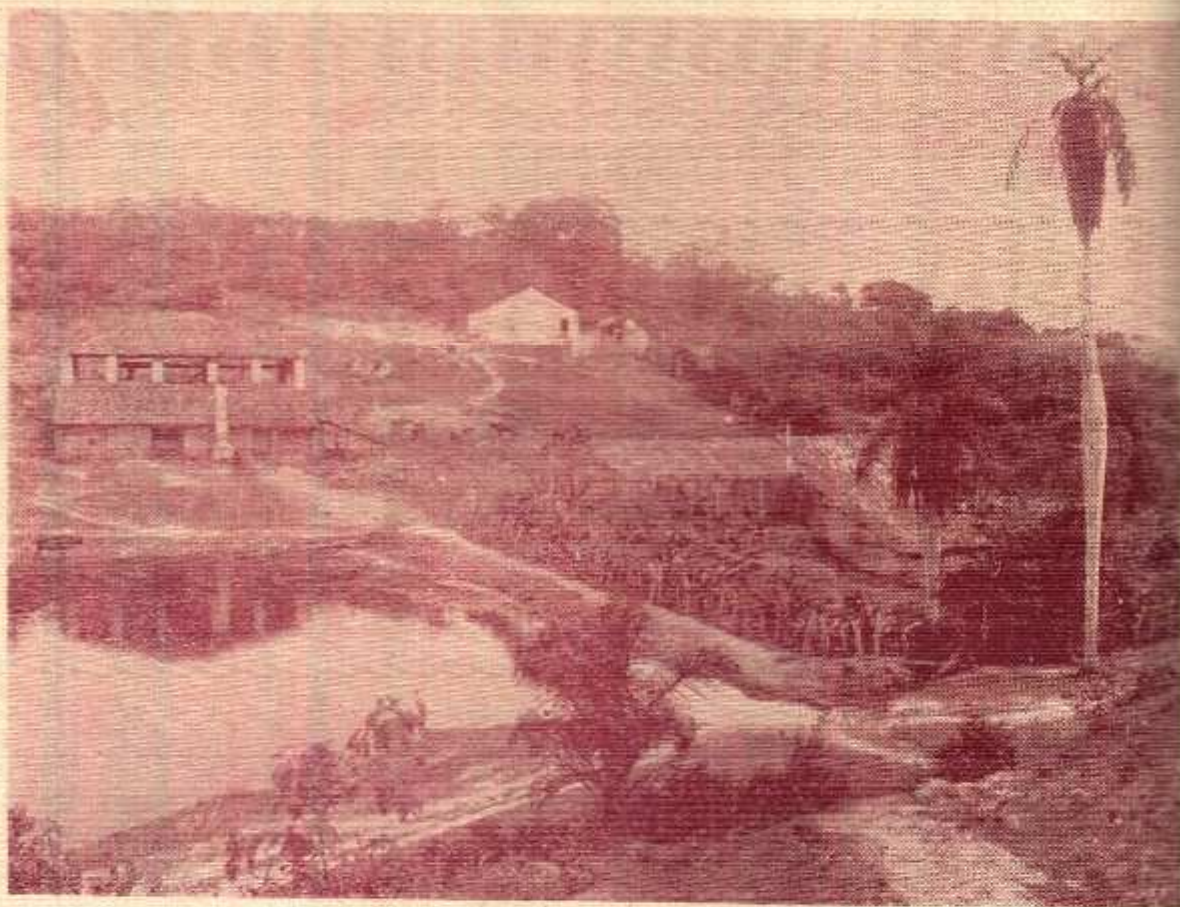
A Republica, inaugurando a plena liberdade religiosa, trazendo a separação da Igreja e do Estado, entregando o catholicismo aos seus proprios recursos, fel-o pôr á prova o seu vigor, a sua vitalidade no Brasil.

Temos tido a satisfação de ver como elle sahiu vencedor dessa prova, como se têm mul-

Estado pobre, em que tudo se achava por fazer e organizar, empenhado no empreendimento da elaboração das normas politicas dos seus poderes, sobrecarregado com a herança de dividas e de desastres, martyrizado por frequentes crises economicas, estava longe de offerecer ao seu bispo recursos faceis e opimos. Ao contrario, se não apresentava uma coroa de espinhos, proporcionava missão extremamente espinhosa.

Mas a Providencia velava sobre os destinos

PARAHYBA PITTORESCA



ENGENHO VELHO — AREIA

tiplicado os centros de actividade religiosa, dominadora e indestructivel.

É aqui, senhores, que me cabe encarar de perto o grande, o luminoso acontecimento, cuja commemoração ora nos congrega, o feito augusto que é o inicio da phase aurea da nossa vida espirital.

Foi nos primeiros annos do novo regimen, quando o paiz se debatia ainda nas difficuldades, que a sua implantação e consolidação impunham, quando por toda parte se sentiam os éstos do temporal revolucionario que a Santa Sé, deitando as vistas para nós, decidiu a criação da nossa Diocese. Trabalho de Hercules, era o que se conferia ao Antistite, que para aqui fosse eleito.

do juvenil Bispado e patenteava a sua profeção especial na escolha do nosso primeiro *Sacerdos Magnus*.

O sr. d. Adauto Aurelio de Miranda Henriques, o primeiro bispo da Diocese creada em 27 de abril de 1892, era um homem talhado para os afanosos mestêres que lhe foram confiados.

Não preciso dizer-vos, senhores, da sua lucida intelligencia, dos seus profundos estudos, attestados por dois grãos doutoraes na mais importante das Universidades catholicas, das suas austéras virtudes reconhecidas e proclamadas não só no Brasil como também na capi-

Voto de independencia e nao desmerece a de.

Com os dons do saber as ordens do ministério sagrado.

O que no momento se exigia era a abnegação do apóstolo aliada a um grande tino de

as, novas Freguezias se foram creando, intensificando a actividade do clero e o movimento religioso. De tudo isto provieram grandes fructos espirituais.

e virtudes, muitos dos quaes honram hoje as mais elevadas posições na Egreja e na sociedade civil.

Mas ao mesmo tempo a sciencia profana não deixava de lhe merecer, ao illustre bispo da Parahyba, o maximo carinho e as mais desveladas atenções.

Dois importantes estabelecimentos de instrução para jovens leigos se fundaram desde logo nesta capital: o Collegio Diocesano e o de Nossa Senhora das Neves, que hoje são conceituados em todo o paiz como dos melhores que este possui.

O ideal destes educandarios sempre foi illuminar as intelligencias e formar os corações, de modo a dotar a sociedade civil de caracteres solidos, aptos a servir á patria e a agradar a Deus.

Com o mesmo intento, a acção episcopal multiplicou pelos dois Estados o numero de casas de instrução. De parelhas com a evolução intellectual da collectividade devia marchar a evolução moral, nessa época em que a crise dos caracteres é o mais doloroso dos males humanos.

E, como a imprensa é o verbo do mundo, o vehiculo admiravel dos ensinamentos mais sãos, também ella mereceu o seu esforço, e os organs catholicos surgiram ao seu influxo.

Obedecendo ao mesmo impulso, as associações leigas começaram a nascer a fim de trabalhar pelo bem. A acção do episcopado poudo infiltrar-se no animo da mocidade de modo que dentre esta podessem surgir luctadores pelos ideaes supremos da humanidade. E' á ini-



ASPECTO DO INTERIOR — EM ALAGÓA GRANDE — Praça do Theatro

ministrador. Era isto o que sobretudo se procurava ver no eminente bispo quando elle assumiu esta Diocese, em 4 de março de 1834.

E' cedo ainda para se fazer a historia desses vinte e cinco annos de labores fecundos e de arduos sacrificios. Quando isto se fizer, o nome do alto egregio do nosso preclaro arcebispo surgirá em maravilhosa luz com proporções gigantadas.

Contentemo-nos, senhores, com o espalhar em por alto alguns traços superiores e com elles esculpir as feições primicias deste admiravel quarto de seculo.

Comecemos pela obra de organização. Deus criou o mundo do chãos. Como as obras humanas são ás vezes pallida imagem da obra divina, o sr. D. Adauto tirou do chãos uma provincia ecclesiastica constituida de um arcebisado e de duas Dioceses. E esta provincia foi toda modelada pelas suas mãos. Foi elle o seu architecto, antes de ser o seu Principe.

Foi extraordinaria a diffusão do espirito religioso por todos os recantos da antiga Diocese, actual provincia. Em successivas visitas pastoraes, realizadas com os maiores incommodos, o vigilante pastor percorreu todo o redil, illuminando com a sua palavra, edificando com o seu exemplo todos os nucleos parochiaes, ministrando sacramentos, chamando os transviados ao seio da verdade e do bem.

Mas o episcopado não se contentou com actuar sobre os corações, influiu também de modo decisivo sobre as intelligencias.



PARAHYBA COMMERCIAL — O sr. E. GERSON, chefe da firma E. GERSON & C.ª, em seu escriptório

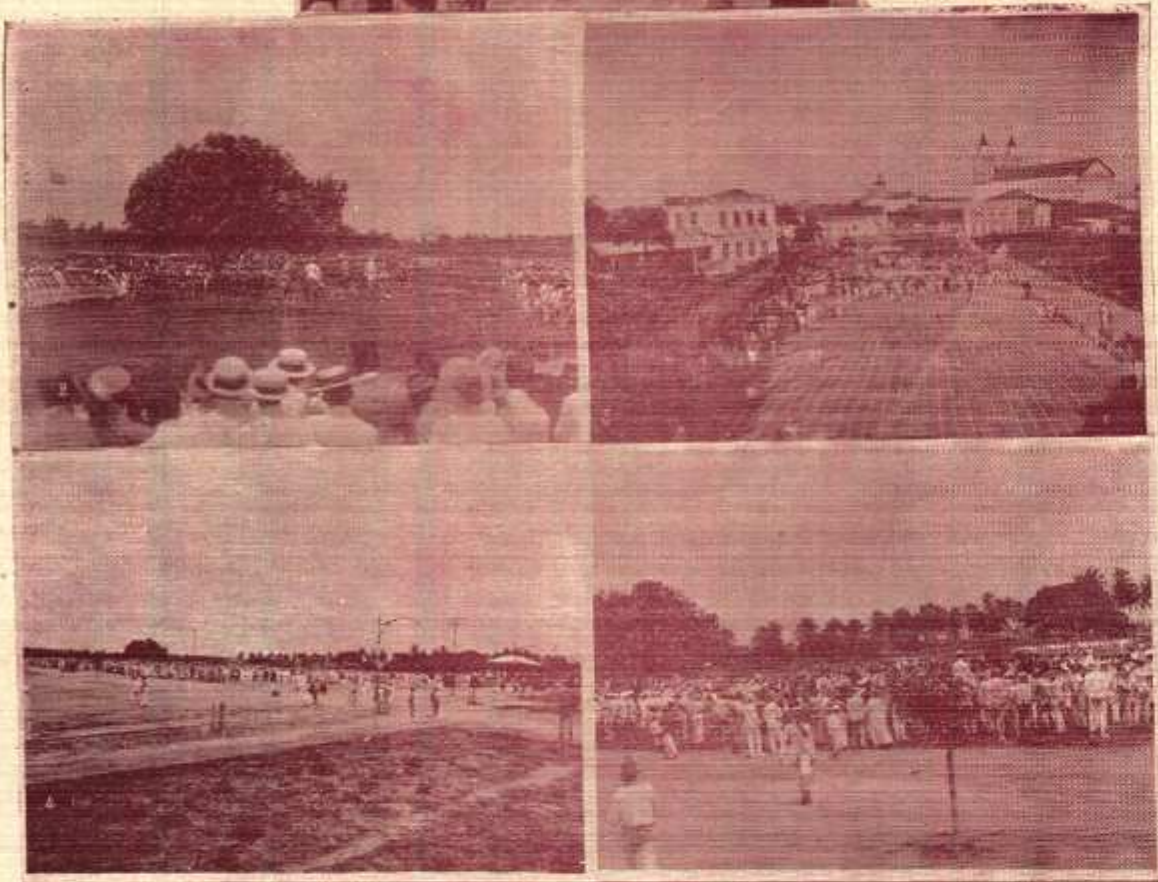
Na sede se fundou o Seminario, fóco luminoso da sciencia ecclesiastica, donde têm sahi-

ciativa de algumas dessas associações juvenis que deveis a semsaboria de ouvir nesta hora

AS FESTAS
CENTENARIAS
NESTA CAPITAL



- 1) Missa campal
- 2) A parada militar á praça da Independencia
- 3) Outro aspecto da missa campal
- 4) e 5) Diversos aspectos da parada



esta iniciativa é um signal de vida e de trabalho pelo qual se pôde aferir o profundo sulco deixado em campo fecundo pela acção dos nossos directores espirituaes.

Mas o fecundo labor do sr. arcebispo não se tem feito sentir exclusivamente no campo da actividade espiritual. Também no ponto de vista material, a Parahyba muito lhe deve.

Edifícios magestosos fez levantar além de innumerables construccões que têm augmentado o ambito da nossa capital.

E para lembrar com um ultimo traço a benemerencia da trajetoria de s. exc., accentuemos a sua continua cordialidade com o poder civil, de modo a estabelecer uma corrente de profunda sympathia entre a auctoridade ecclesiastica e a temporal, sympathia que tem permitido a cooperacão de ambas, a convergencia de esforços das duas para os mesmos in-

Com estes rapidos lineamentos, srs., me seja permittido terminar este ligeiro esboço com o qual vos pretendi dar uma noticia da nossa vida religiosa no passado e no presente.

Sentindo, embora, que muito aquém eu fiquei do objectivo collimado, devo accentuar, entretanto, que uma verdade palpitou em todas as minhas palavras desta pallida conferencia. Esta verdade é a grande affirmativa de que a religião catholica tem presidido a todos os passos da nossa marcha social, de que a Providencia, por intermedio dos seus ministros, tem abençoado todos os nossos empenhos e todos os nossos labores.

Reunamos pois, nesta hora solenne, os nossos corações e os nossos sentidos em um unisono voto de graças ao Deus cheio de bondade e de poder que tantos beneficios nos ha

servos aquelle que devia ser o guia e protector dessa Diocese pobre e obscura de ha vinte e cinco annos, quando ella era apenas um projecto, que talvez para muitos não pudesse ser realidade, a fim de transformal-a numa provincia formosa e fecunda, onde o rebanho do Senhor folga e se multiplica sob os cuidados de attentos pegureiros. Peçamos a Deus as suas melhores bençams para esta obra que é a victoria da nossa religião e a honra de nossa patria. Que Elle nos abençõe, para que este jubileu não seja um crepusculo, mas continue a ser uma aurora.

As obras humanas têm um termo, mas a obra divina é infindavel. Que a evoluçao religiosa e moral da Parahyba seja uma obra divina, para que, de seculo a seculo, a historia re-

rendicalizado.